

rentes fases de sua vida e traz anexo de 250 páginas com cartas publicadas na íntegra, muitas das quais inéditas

múltiplas personas de Lobato

O escritor em capítulos

Em família



Os pais, José Bento Marcondes Lobato e Olympia Augusta Monteiro Lobato, em foto de 1882. Foto: Cedae-IEL/Coleção Monteiro Lobato

Com a mãe, um; com o pai, outro. O primeiro capítulo da tese de Tin analisa o conteúdo de cartas enviadas por Lobato aos pais e à noiva. Fica patente, segundo o autor da pesquisa, a diferença no tratamento dispensado aos destinatários. “Lobato é brincalhão e espontâneo ao escrever para a mãe, narra minúcias do seu cotidiano, episódios divertidos, estende-se em detalhes e assina com o apelido familiar Juca, às vezes acrescido de jocosos sobrenomes: Juca Burro, Juca Tigre. Ao contrário, ao escrever ao pai, enche-se de cuidado e formalidade, tratando apenas de assuntos escolares ou de interesse paterno. Assina as cartas, na maior parte das vezes, com seu nome completo”.

Na segunda parte do capítulo, o autor da tese analisa as cartas enviadas pelo escritor à noiva Purezinha, com quem viria a se casar. Se de um lado Lobato se derrama em recursos românticos, de outro ridiculariza aos amigos os lugares-comuns da correspondência amorosa. A maior parte dessas cartas, cujos originais estão atualmente depositados no Fundo Monteiro Lobato do Cedae, foi publicada em 1969 no volume *Cartas de Amor*.

O escritor e o editor



Monteiro Lobato na assinatura de contrato com a editora Brasiliense, em 1945: conselhos aos mais jovens. Foto: Cedae-IEL/Coleção Monteiro Lobato

O segundo capítulo da tese segue em três direções. Na primeira, Tin analisa o Lobato da juventude, um escritor em

formação, empenhado na busca da sua expressão, mas ao mesmo tempo ocupando um papel de mestre entre os seus pares. “Papel e título que ele recusa nominalmente, mas que acaba assumindo ao opinar sobre livros e autores e ao recomendar leituras – sobretudo a de Nietzsche, que Lobato passa a sistematicamente indicar a vários de seus amigos”, revela Tin.

A figura do editor surge na segunda parte do capítulo. Segundo Tin, Lobato se divide entre ser daqueles “que decidem do destino das coisas literárias do país” e ser “uma pobre besta que trabalha, e nada mais”. Por fim, na terceira e última parte, surge o autor já consagrado, que escreve a escritores novos, aconselhando-os sobre quais caminhos que devem ser trilhados nos meios literários.

O mar do peixe Lobato



Lobato em Riverside, Nova Iorque, em foto de 1930: espantado com a pujança dos Estados Unidos. Foto: Reprodução de “Monteiro Lobato - Furacão da Botocúndia”, de Carmem Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta (Editora Senac, 1997)

Nomeado adido comercial do Brasil em Nova Iorque, Lobato passa uma temporada nos Estados Unidos. Segundo Tin, Lobato fica estupefato diante da grandeza do país, em contraste com a pobreza do Brasil que acabara de deixar. Relata aos amigos, por meio de cartas, todo o seu deslumbramento. “Ele dizia que o país extrapaisou-se, ou seja, havia deixado de ser uma nação, tamanha era a sua grandeza e o seu progresso”.

Tin lembra que Lobato afirma ao amigo Godofredo Rangel em carta de 17 de agosto de 1927, “eu sou um peixe que esteve fora d’água desde 1882, quando nasci, e só agora caiu nela. Isto aqui é o mar do peixe Lobato. Tudo como quero, como sempre sonhei”.

Um episódio curioso, conhecido como o “caso miss Brasil”, marcou a estada do escritor em território americano. Tudo foi documentado em cartas indignadas do escritor aos amigos. Em 1929, a recém-escolhida miss Brasil, Olga Bergamini de Sá, viajou a Galveston, nos Estados Unidos, para participar do concurso Miss Universo. Os jornais brasileiros noticiavam almoços e chás em Nova Iorque para recepção a brasileira.

Tudo mentira, segundo Lobato. O escritor batia na tecla de que os convites eram “plantados” pelo então cônsul-geral do Brasil em Nova Iorque, Sebastião Sampaio. Creditava a ele a responsabilidade pelas histórias enviadas aos jornais brasileiros. A farsa seria desmontada pela revista *Time* em 10 de junho de 1929, por meio de uma nota irônica sobre as versões publicadas pelos jornais brasileiros. A notícia viria a ser reproduzida no jornal *O Estado de S.*

Paulo, em 04 de agosto de 1929. Com o atraso de alguns meses, lembra Tin, a “mentira sistemática” seria desfeita.

O ferro e o petróleo



Charge de Belmonte publicada no jornal Folha da Manhã em 1936: de “Napoleãozinho” a São João Batista. Imagem: Reprodução de “Monteiro Lobato - Furacão da Botocúndia”, de Carmem Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta (Editora Senac, 1997)

Destituído do cargo de adido cultural em razão da Revolução de 1930, Lobato volta ao Brasil e promove campanhas pelo ferro e pelo petróleo. É o que trata o quarto capítulo da tese. “Vemos surgir aqui um Lobato que se retrata ora como um ‘Napoleãozinho’ nas questões do petróleo, como um soldado ‘que nasceu para morrer na sentinela’, ora como um novo São João Batista clamando no ‘deserto de inconsciência’ em busca do ferro e do petróleo para o Brasil”, afirma Tin.

No cárcere, o ‘mártir gordo’



Vargas e Lobato num desenho de Hamilton de Souza para cardápio de jantar oferecido ao escritor por Lenyra Fraccaroli, diretora da Biblioteca Infantil de São Paulo. Reprodução de “Monteiro Lobato - Furacão da Botocúndia”, de Carmem Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta (Editora Senac, 1997)

As cartas escritas por Lobato na condição de encarcera-



Emerson Tin, autor da tese de doutorado: grande contribuição para a compreensão da personalidade e da obra de Lobato

do são o tema do quinto capítulo da pesquisa de Tin. O autor pondera que as condições peculiares do encarcerado dão forma diversa às cartas escritas por Lobato, constituindo-se num verdadeiro subgênero epistolar. Tin menciona, nesse contexto, grandes exemplos de cartas escritas da prisão, como as de Gramsci ou, no caso do Brasil, as de Frei Betto ou de Joel Rufino dos Santos a seu filho.

Segundo Tin, a partir das cartas escritas da prisão é possível perceber como Lobato escolhe cada um dos assuntos a serem tratados, e a maneira de abordá-los, de acordo com o destinatário a quem se dirige. “Lobato apresenta-se aqui ironicamente como aquele que tentaria ser o mártir do petróleo, mas no que seria impedido pelas excelentes condições do que chama de o ‘hotel da Avenida Tiradentes’ – na verdade, a Casa de Detenção, onde estava preso –, pois não há ‘mártir gordo’”.

No reino das crianças



Monteiro Lobato entre duas crianças argentinas, em foto tirada em Buenos Aires entre 1946 e 1947: assumindo o papel de personagem. Foto: Cedae-IEL/Coleção Monteiro Lobato

O último capítulo da tese dissecou o Lobato que tem crianças como destinatárias. Segundo o autor do estudo, Lobato ora apela para o *nonsense* e o absurdo, ora assume a persona de um de seus personagens. “Ele chega a responder uma carta de um leitor assinando-a como sendo o Visconde de Sabugosa”. Em vários pontos, o pesquisador ressalta a semelhança das cartas com os seus livros infantis.

ceito de *personae* encontrado na obra de Jung e da mais recente bibliografia – sobretudo de origem francesa – acerca do gênero epistolar. Além disso, procurei cercar a correspondência lobatiana de outros exemplos do gênero, como as cartas de Baudelaire e de Álvares de Azevedo para suas mães; as cartas de Victor Hugo e de Eça de Queirós para suas noivas; as cartas trocadas entre Proust e seu editor Gallimard; e as cartas de Lewis Carroll e Beatrix Potter para alguns de seus leitores infantis, apenas para citar alguns exemplos.

JU – Percebe-se que houve um cuidado em contextualizar os períodos históricos abordados na pesquisa. O que emerge desse mergulho?

Tin – Considerando que a carta é, por excelência, um escrito inscrito no tempo, acho que o que emerge desse mergulho é uma possibilidade de uma leitura mais próxima do contexto em que foram produzidas. A contextualização permite uma aproximação

maior do leitor ao que é dito na carta e facilita a sua decodificação.

JU – Em que medida o “exercício de civilidade” praticado por Lobato, segundo definição feita por ele mesmo, jogou luzes sobre a historiografia e sobre a literatura brasileiras?

Tin – Acho que Lobato viveu num tempo em que escrever cartas ainda era uma atividade social. A carta era o meio de se fazer presente nas mais diversas ocasiões, alegres ou tristes. Mas era também um meio de intervenção. Daí o Lobato mais aguerrido da década de 1930, em torno das campanhas pelo ferro e pelo petróleo. É talvez na melhor compreensão desse “exercício de civilidade” – que não era exclusivo de Lobato, certamente – que possamos entender melhor a historiografia e a literatura brasileiras.

JU – Há quem afirme que campanhas deflagradas por modernistas tiveram um papel funda-

mental para que a obra e as idéias lobatianas fossem relegadas a um plano secundário. Você concorda com esta tese? Em que patamar você coloca o conjunto da obra de Lobato, tanto no campo da literatura como no das idéias?

Tin – Não sei até que ponto esse tipo de campanha foi feito de modo consciente, se é que existiu de fato. O que vejo, muitas vezes, são manifestações isoladas, aqui e acolá. O que sabemos é que não apenas a obra de Monteiro Lobato mas toda a obra de autores de um período que ficou conhecido como “Pré-Modernismo” submergiu diante do fenômeno do Modernismo.

Aliás, o próprio termo “Pré-Modernismo” acaba por dizer muito mais do que diz: definir alguma coisa como “pré” ou “pós” acaba por lançar luz a um outro período que não aquele que é assim definido. O que tenho visto, nos últimos tempos, é justamente um movimento de resgate da obra desses autores “pré-modernistas”. Eles ficaram muito

tempo esquecidos na poeira das bibliotecas. Hoje já não é estranho encontrar pesquisas sobre Coelho Neto e Júlia Lopes de Almeida, por exemplo, para ficar em apenas dois nomes, coisa que, há 15 ou 20 anos, poderia ser bastante difícil.

De maneira que acredito que a obra de Lobato tem se beneficiado por conta desse movimento de resgate do “Pré-Modernismo”. Quanto a um patamar para a obra lobatiana, acho difícil essa espécie de rotulação, seja para a obra dele, seja para qualquer outra. Teria Lobato sido um reacionário? Teria sido um moderno à sua maneira, *sui generis*? E o que seria ser reacionário ao tempo de Lobato? E o que seria ser moderno? Acho que podemos estudar a literatura sem precisar de rótulos.

JU – Nesse âmbito (do modernismo), o que diferencia a “missão epistolar” de Lobato daquela assumida por Mário de Andrade, outro exemplo emblemático do gênero? Dá para fazer essa compa-

ração ou ela seria muito forçada?

Tin – Acho que dá para fazer essa comparação, sim, e creio que os estudiosos de ambos os autores ganham com isso. Acho que a “missão epistolar” de Lobato parece ter sido um pouco mais descolada, mais desalinhada que a de Mário.

Mário parece ter concebido um projeto pedagógico dentro do ideário modernista – conforme defende o professor Marcos Antonio de Moraes, da USP –, diferentemente de Lobato, que não estava ligado a um movimento específico, mas que também exercia, tanto na juventude quanto na maturidade, uma função pedagógica, fosse recomendando a leitura de Nietzsche aos jovens colegas da Faculdade de Direito, fosse aconselhando os jovens escritores sobre os caminhos da literatura.

Mas ambos construíram um monumento epistolar que ainda está por ser desencavado, o que certamente poderá nos ajudar a compreender muito mais a literatura e a sociedade da primeira metade do século XX.